

O Crasto de Palheiros-Murça. Notícia preliminar das escavações de 1995 e de 1996

MARLA DE JESUS SANCHES

À Memória do Sr. Pedro Santos

Resumo: Apresentam-se os resultados de duas campanhas de escavação—1995 e 1996— num povoado muralhado, situado em Trás-os-Montes e denominado “Crasto”, em Palheiros—Murça. Trata-se de um povoado arquitectonicamente original porque provindo de duas linhas de muralhas, precedidas de extensos taludes construídos em pedra solta. Estas grandiosas construções pétreas articulam-se com os rochedos e falésias naturais dando ao povoado uma dimensão arquitectónica de grande impacto paisagístico. Detectaram-se três fases de ocupação, cuja riqueza documental (artefactos e ecofactos) está a revelar-se fundamental na percepção do funcionamento social, político e económico das comunidades transmontanas e alto-durienses do 3º e inícios do 2º mil.AC, com destaque particular para o entendimento da consolidação dos sistemas económicos de base agrícola e pastoril.

Palavras chave: Povoado muralhado; Calcolítico; I. do Bronze Inicial-Médio.

1. LOCALIZAÇÃO E ACESSOS

Topónimo—Crasto ou Fraga do Crasto
Freguesia—Palheiros
Concelho—Murça
Distrito—Vila Real
Província—Trás-os-Montes e Alto Douro
(Norte de Portugal)
Coordenadas de um ponto central da estação:
Latitude - 41° 24' 03" N
Longitude - 1° 45' 08" E de Lx.
Alt. absol. - 593 m (Seg. a Carta Militar de Port.,
na esc. 1:25 000, folha 89)

O Crasto é o maciço de xisto quartzítico mais elevado dos três que constituem a “crista” da dobra anticlinal situada a Sudeste da aldeia de Palheiros, no flanco esquerdo da ribeira de Vale da Ria, afluente do rio Tinhela, bastante próximo da confluência deste com o rio Tua. O maciço ocupado pelo povoado soergue-

se em pico ou falésia em cerca de 50 metros acima das altitudes médias mais altas do eixo da crista quartzítica, i.e., acima dos 550 metros. Esta é uma das razões pelas quais o Crasto se destaca desde longa distância, dominando, não só toda a área sudoeste da bacia de Mirandela, mas ainda a parte sul da Serra da Padrela assim como os planaltos de Carlão e de Carrazeda de Ansiães.

O acesso faz-se pela Estrada Nacional Porto-Bragança: um pouco a nascente da aldeia de Palheiros, ao Km 163,2, existe um estradão que corta um cerejal recém-plantado. É por este estradão que se acede ao Crasto.

2. OBJECTIVOS DA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA

O interesse do estudo deste povoado prendia-se com vários factores:

- a localização peculiar da estação assim como a presença de alguns troços de muralha conservados por entre os penedos quartzíticos e as falésias indicava tratar-se de um povoado muralhado (duas linhas de muros) de topografia invulgar e de planta totalmente desconhecida;
- as muralhas pareciam apresentar, pela sua face exterior, extensos e potentes derrubes; estes poderiam ser decorrentes do desmoronamento e/ou, cumulativamente, do desmoronamento e da eventual existência de taludes que suportariam os muros.
- recentes destruições, além dos trabalhos agrícolas mais antigos, haviam alterado substancialmente a topografia do povoado. A abertura de um estradão a NW cortara o talude e muralha exterior. A recolha de pedra para construções urbanas actuais provocou a destruição quase total do troço de muralha indicado atrás e ainda parte da muralha interior e duma possível torre

parte da muralha interior e duma possível torre na área NE do povoado (Fig. 1).

- o espólio arqueológico recolhido nas áreas destruídas indicava uma (ou mais) ocupação exclusivamente pré-histórica, e a tipologia formal/decoração da cerâmica, apontava cronológica e culturalmente o Calcolítico regional.

Ainda a proximidade deste povoado relativamente ao armazém calcolítico do abrigo do Buraco da Pala, na contígua Serra de Passos, assim como à de outras estações deste período que temos vindo a prospectar e/ou a escavar na bacia de Mirandela (povoados, dólmenes e abrigos com arte rupestre) (SANCHES 1995), fazia supor tratar-se de um povoado de natureza excepcional a vários títulos, cujo papel e significado julgámos pertinente procurar na rede de povoamento regional, através da realização de escavações.

Com efeito, toda a região de Trás-os-Montes e Alto Douro apresenta como que uma "explosão" de povoa-

mento no III^o milénio, onde se registam mais de 3 dezenas de estações de carácter doméstico (SANCHES 1996, 1992), dos quais três são em abrigo, uma (ou eventualmente duas) em gruta e as restantes são povoados. No entanto, a maioria destes últimos exhibe estruturas habitacionais simples e de carácter perecível, apesar de três de entre eles apresentarem pequenos muretes ou mesmo muros: a) muretes delimitadores do espaço doméstico no Cemitério dos Mouros (Mirandela) (SANCHES 1995); b) muro formando barreira na entrada do esporão habitado, no Raio (Miranda do Douro) (SANCHES 1992) e c) muro escorado exteriormente por um talude, no contorno íngreme e sobranceiro à ribeira do pequeno esporão que integra o povoado de S. Lourenço (Chaves) (JORGE 1986, JORGE e SANTOS 1993).

Os povoados muralhados de forma mais ou menos imponente constituem a excepção neste povoamento regional. São conhecidos quatro, dos quais três em Portugal — Crasto de Palheiros, Castelo Velho e Castanheiro do Vento (estes dois últimos em V^a N^a Foz

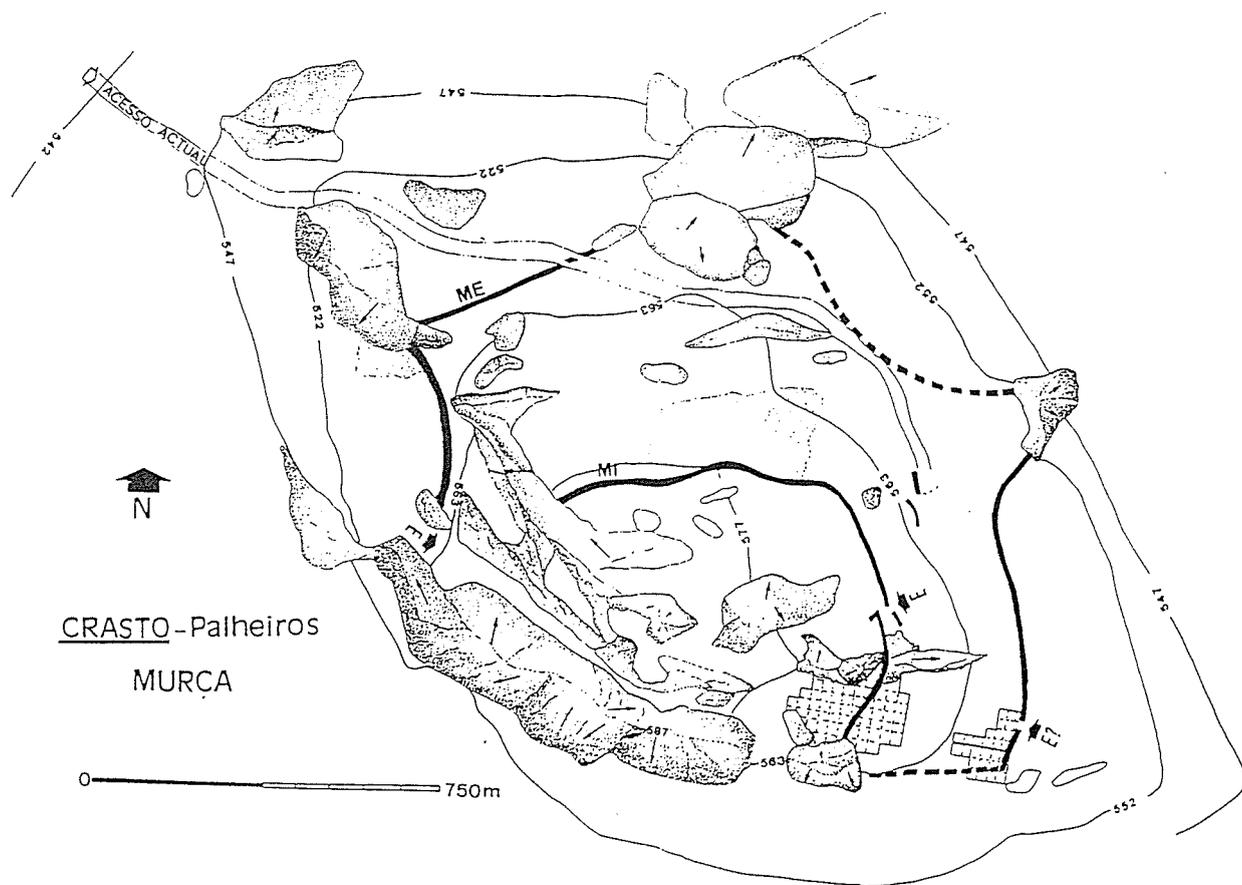


Fig. 1: Levantamento topográfico do Crasto de Palheiros (desenho baseado no Levantamento feito pelo topógrafo Jorge Machado, do Gabinete de Apoio Técnico do Vale do Douro Norte). Observe-se: a falésia sul; a muralha interior -MI- com a entrada leste -E- e a muralha exterior -ME- com uma possível entrada, a leste -E?-, e uma entrada natural, entre as falésias, a oeste. A curva de nível de 563 define aproximadamente o contorno do talude da muralha interna, no lado leste; o mesmo parece acontecer com a curva de nível de 522, do mesmo lado, mas agora para a muralha externa.

Côa) e um já em Espanha — San Martín del Pedroso (Villardondiego, Zamora). Somente o Castelo Velho tem sido estudado de modo sistemático por S. Oliveira Jorge (JORGE 1993, 1995), embora no grande povoado de El Pedroso tenha sido feita uma curta intervenção em 1991, por G. Delibes de Castro e seus colaboradores (DELIBES de CASTRO *et al.* 1995). No entanto, a documentação disponível mostra que à excepção dos dois de Vª Nª Foz Côa, são todos bastante diferentes entre si, tanto na concepção arquitectónica como no tamanho.

Com as escavações do Crasto, além do objectivo enunciado anteriormente, pretendia-se verificar se este povoado era merecedor duma classificação — como “Monumento Nacional” ou como “Imóvel de Interesse Público” — e ainda saber se seria possível realizar o restauro das diferentes estruturas arquitectónicas escavadas, de modo a tornar este peculiar povoado pré-histórico muralhado num local arqueológico que exercesse grande atracção pública.

3. DESCRIÇÃO (ESTRATIGRAFIA E ESTRUTURAS)

3.1. INTRODUÇÃO

O Crasto de Palheiros apresenta características muito peculiares, que passamos a referir após termos definido resumidamente as diferentes unidades que em termos metodológicos tivemos de adoptar nas descrições, quer no campo, quer na fase posterior de estudo da documentação recolhida.

Este povoado muralhado possui uma área superior a 2,5 hectares, na qual se inclui toda a parte construída (muralhas e taludes). Porém, mesmo em termos de área convém que distingamos desde já as diferenças, notadas somente em 1996, entre a ocupação anterior à construção de muralhas/taludes — *Crasto I* —, daquela onde as muralhas e outras arquitecturas transformaram radicalmente o espaço anterior — *Crasto II* — e ainda daquela (por ora só detectada na plataforma inferior, intra-muros) onde a muralha parece perder a sua função original — *Crasto III*.

Esta distinção deve bastante à interpretação, pois estabelece um faseamento genérico. Contudo, dada a limitada área escavada, deve ser considerada necessariamente como provisória.

Crasto I — Ao contrário da ocupação subsequente, está presente também no monte contíguo da mesma “crista quartzítica”, a leste. Trata-se duma elevação um pouco mais baixa (tem entre 530 e 540 metros de alt. absoluta) e é também encimada por volumosos afloramentos de quartzito. Aí a erosão descarnou o topo e as encostas onde aflora agora a rocha de base. Nos locais por onde escorre a água das chu-

vas encontram-se bastantes fragmentos cerâmicos, alguns dos quais decorados. A decoração induz-nos a associar este monte ao Crasto I, ou seja, à ocupação anterior à construção das muralhas. Por ora não podemos pôr de parte a hipótese de este monte ter continuado a ser ocupado durante a vigência do Crasto II.

Crasto II — É a este que se refere a área de 2,5 ha indicada acima.

É constituído por duas plataformas, uma superior e uma inferior, criadas ambas pelas muralhas e respectivos taludes (/rampas). Estas construções arrancam duma falésia de mais de 25 metros de altura, localizada na parte sul do povoado, conforme se pode observar nas figuras 1 e 4.

Por facilidade de expressão passamos a denominar a muralha interior/ talude e a área circunscrita por estas arquitecturas em todo o povoado de “*Unidade interna*”; por oposição àquela exterior — plataforma inferior, muralha /talude exterior — que será chamada de “*Unidade Externa*”.

Nas campanhas de 1995 e 1996 foram abertas duas áreas de escavação, situadas no extremo sudeste do povoado, nos locais de ligação dos muros à falésia natural, embora na altura só fosse visível a muralha exterior. Ambas as áreas se inserem na mesma rede quadriculada, onde foram utilizados quadrados de 2 x 2 metros. Procurámos ainda que a escavação abrangesse tanto a Unidade Interna com a Unidade Externa. Esta última ficou restringida, por razões de tempo disponível e de meios humanos, à zona intra-muros.

3.2. “UNIDADE INTERNA” - ESTRUTURAS E ESTRATIGRAFIA (FIGS. 2 E 3)

Foi escavada uma área de 236 m² que permitiu definir:

- a) uma sequência estratigráfica que mostra a ocupação desta área (natural e artificialmente) soerguida do monte em dois momentos ou fases; b) a técnica de construção da muralha e do talude (/rampa); c) a criação dum espaço doméstico intra -muros- regularizado por um aterro e sus-tido parcialmente por uma construção pétreo- e a utilização continuada desse espaço.

Descrição estratigráfica da “Unidade interna” (ver corte 1)

Existe uma camada superficial -camada 0-, escura (e/ou amarelada), argilosa e húmida, que integra bastante espólio arqueológico nalgumas áreas. A colagem de fragmentos de cerâmica desta camada com aqueles da camada 1 faz supor que em muitos locais a camada 0 é constituída fundamentalmente por terras

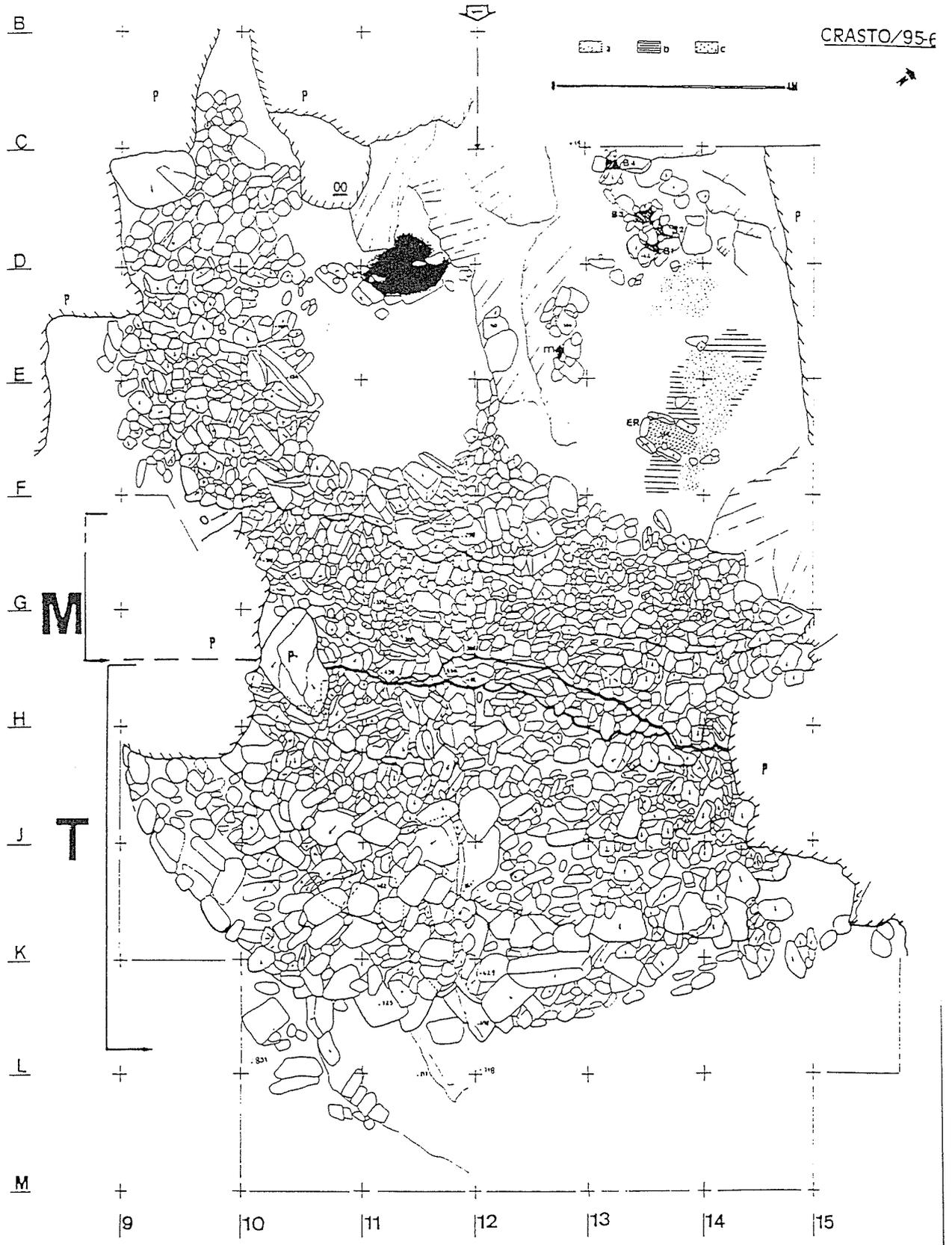


Fig. 2: Planta da área escavada na Unidade Interna ao nível da camada 1 (Craeto II). M—muralha; T—talude. O—Alinhamento O; L1—lareira 1; B—buracos de poste 1, 2, 3 e 4; ER—estrutura rectangular; m—moínho (dormente); a—piso de adobe no interior de ER; b—argila avermelhada, compactada; c—terra negra, queimada, com carvões, sementes e ossos.

da camada 1 algo alteradas pelos revolvimentos da superfície e das raízes das árvores. Ainda na parte mais interior da escavação, a camada 1 foi “limpa” pelos escorregamentos/erosão natural, sendo algumas estruturas, como os buracos de poste, cobertos quase completamente pela camada 0. Esta camada 0 sobrepõe-se ainda directamente às estruturas pétreas que se desenham “em rampa” pela encosta acima, desde M a G.

Camada 1 no corte 1 — compõe-se de terra argilosa castanho claro e integra uma lareira de forma sub-triangular, em E11 (Lareira1), realizada parcialmente sobre uma enorme laje e intencionalmente tapada quase por completo por outras lajes mais pequenas. Nos quadrados D/E 12-14, i.é, numa outra área “funcional” do povoado e não visível no corte apresentado, a camada 1 compõe-se de terra argilosa castanho escuro e integra extensas lenticulas com terra queimada e carvões, sementes carbonizadas e outro “dejectos”, como “ossos” muito partidos e semi-calcinados, além de abundante espólio arqueológico de carácter doméstico. Integra ainda argila de cor avermelhada e compactada, os buracos de poste 1,2,3 e 4 (rodeados de pedras), e ainda a estrutura rectangular aberta e forrada na sua base com argila, em F13-14 (E.R.). A articulação estratigráfica destas lenticulas e das estruturas presentes faz supor uma utilização continuada da camada 1, sendo de destacar, por ex., que a Estrutura Rectangular —E R— se sobrepõe, mas também se articula, com a formação de uma mancha de terra queimada e carvões, parcialmente rodeada de

argila. A camada 1 sobrepõe-se ora à rocha de base, ora a um Aterro e, nos quadrados D/E 10-11, à camada 2.

O Aterro —A— situa-se na parte interna do Alinhamento 0 (ver figs. 2 e 3) e parece formar com aquele uma unidade arquitectónica, pelo menos na fase final de funcionamento deste último (aterro). Ambos se relacionam directamente com a utilização da camada 1. O Aterro é constituído por terra argilosa, compacta, e algumas pedras pequenas. Embora no local onde desenhámos o corte não seja muito clara a relação apontada, o desmonte das estruturas pétreas noutras áreas melhor conservadas tornou evidente que o alinhamento 0, constituído por pedras de grande e médio tamanho, forma como que uma escora na parte periférica do Aterro, i.e., na sua zona de união à muralha. Esta não possui aqui face interna, ao contrário do que observamos noutros locais do povoado ainda não intervencionados. Deste modo, são as pedras do Alinhamento 0 que começam por formar um piso quase contínuo na base do Aterro, recuando depois paulatinamente, em direcção ao corpo da muralha. O Aterro forneceu pouco espólio arqueológico e este estava muito fragmentado e erosionado. Em termos funcionais o Aterro regularizaria o solo de base, originalmente muito inclinado e irregular, permitindo assim que as estruturas habitacionais detectadas não apresentassem grandes desníveis entre si aquando da sua utilização.

A camada 1, o Aterro e a muralha /talude são interpretados como pertencentes à 2ª fase de ocupação, ou seja ao Crasto II.

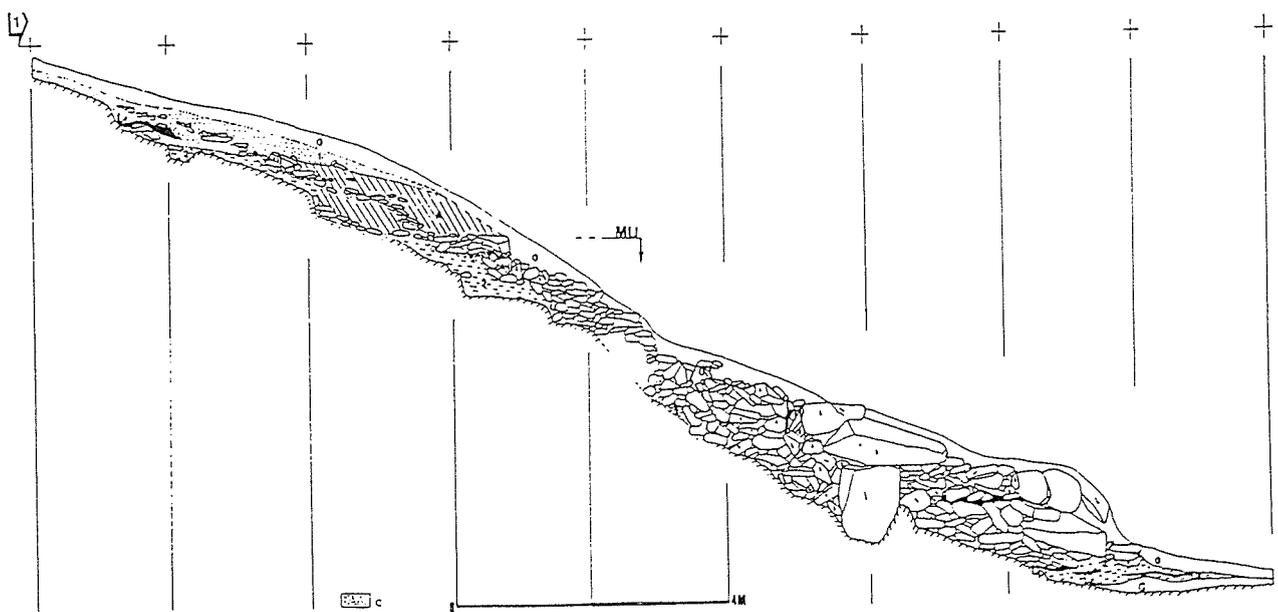


Fig. 3: Corte estratigráfico 1 (Unidade Interna; ver sua localização na fig. 2). Mu — muralha (base e corpo da muralha); 0, 1, 2 e 3 — camadas 0, 1, 2 e 3, respectivamente; L — lareira; c — terra negra, queimada.

A camada 2, subjacente à camada 1, ao Aterro ou ao Alinhamento 0, só se conservou nos locais onde a rocha de base apresentava maiores desníveis ou onde, por casualidade, a construção e utilização das estruturas da camada 1 não a "limparam" totalmente. O desmonte total da muralha, numa largura de 2 metros, em H12 e H13, mostrou que a sua construção cortou os sedimentos da camada 2 e provocou nalgumas áreas o seu total desaparecimento. Foi só após termos procedido à desmontagem quase total do talude que percebemos que também *sob este*, nalgumas zonas onde a rocha de base se encontrava a maior profundidade, se conservou de modo residual, uma camada arqueológica que denominámos de camada 3. Apesar de nas áreas totalmente escavadas sob a muralha a ausência de sedimentos não permitir falar da continuidade ou descontinuidade estratigráfica entre estas duas camadas—2 e 3—, cremos tratar-se de vestígios de uma mesma ocupação anterior à construção das arquitecturas imponentes deste sítio. Uma observação preliminar dos materiais exumados, particularmente das cerâmicas, parece confirmar esta interpretação.

A camada 2 é formada por terra argilosa amarelada mas com tendência acinzentada nalgumas áreas; a camada 3 é formada também por terra argilosa de vários tons de amarelo: esbranquiçado, amarelo-torrado e amarelo acinzentado. O tom varia com a espessura e a proximidade ou distância ao solo arenoso/argiloso da base, i.é., à rocha em decomposição, mais esbranquiçada, ou mesmo às estruturas de combustão identificadas.

Na camada 2 só foram detectados vestígios de uma estrutura de combustão, em F12, sobre a rocha de base. A camada 3 preservou-se bastante bem sob o arco exterior, ou arco de contenção do talude (ou alin-

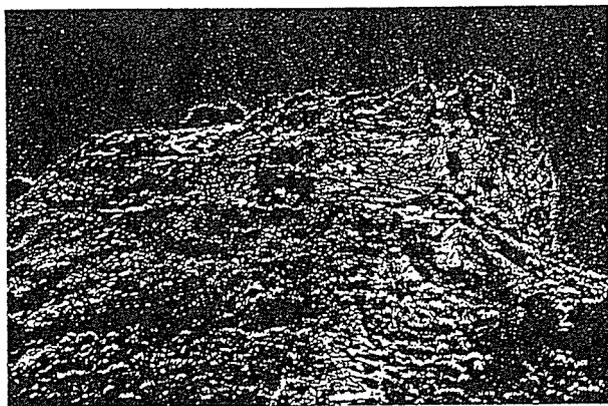


Fig. 4: Crasto de Palheiros visto de nascente. Vê-se a muralha interior, a muralha exterior e os respectivos taludes, no contorno periférico das duas plataformas— plataforma superior e plataforma inferior, respectivamente. Na área escavada da plataforma superior/Unidade Interna já se deu início ao restauro.

hamento), assim como sob aquele (alinhamento) contíguo, numa limitada área de cerca de 16 m² (quadrados K10 e L/M11-12) ou seja, numa zona onde a rocha de base apresenta grandes desníveis. Também se conservou em limitadas áreas contíguas, pelo exterior, àquele arco. Foram aí detectadas 4 lareiras, muito próximas entre si pois distribuíam-se por uma área de cerca de 5 m² (em L/M11-12). Continham abundantes quantidades de carvão, de cereais carbonizados e duas delas—lareiras 2 e 3— já se encontravam na exterior do talude.

As camadas 2 e 3 são interpretados como pertencentes à 1ª fase de ocupação do local, ou seja ao Crasto I.

No que respeita às *estruturas* há a destacar em primeiro lugar a existência de uma construção de pedra seca, disposta em talude ou "rampa" que acompanha, regulariza e torna monumental a encosta natural, na zona exterior da muralha. Convém especificar desde logo que não se trata dos habituais taludes de terra e pedras que se encontram frequentemente nos povoados fortificados mais recentes, da I. do Bronze Final ou da I. do Ferro, e onde parecem ter como função principal o escoramento das muralhas pela face externa, ou simplesmente a sustentação de plataformas, como acontece por ex. na citânia de S. Julião, Vila Verde (MARTINS 1988). No caso do Crasto de Palheiros a construção "em rampa" é feita de pedra seca, repetimos, e a função ou funções específicas estão ainda por determinar. Mantemos, no entanto, a utilização do termo "talude" pois ele significa unicamente "(a inclinação)" que se dá a um aterro, à superfície exterior de um muro...à superfície desse plano inclinado" (SÉGUIER 1971).

O talude encontra-se razoavelmente preservado noutras áreas do povoado ainda não escavadas.



Fig. 5: Vista geral da área escavada na Unidade Externa. Vê-se, ao fundo, a face interna da muralha exterior. Das estruturas habitacionais destaca-se: uma construção circular à esquerda; vestígios de uma cabana feita de materiais perecíveis e completamente incendiada numa fase do seu funcionamento.

Tal arquitectura, que tem aqui entre 4 e 7,5 metros de extensão (em plano), desenha-se em arco pelo seu exterior. É neste *arco exterior* que são colocadas, de modo alinhado, e predominantemente na horizontal, as pedras de maior tamanho. Por vezes trata-se de verdadeiros monólitos só passíveis de serem arrastados pela força simultânea de 5 homens. Os interstícios destas são preenchidos por pedras de menor tamanho, o que confere a este arco exterior uma aspecto de muro tosco (e actualmente baixo, com 60-80 cm).

Na parte interna deste arco desenham-se, de modo aproximadamente concêntrico, outros (4 ou 5) "arcos" ou *alinhamentos* dispostos de modo menos regular que o exterior, arrancando o mais interior da face externa da muralha, em J14.

Nalgumas áreas estes alinhamentos estavam bastante destruídos pelo "entramado" de grossíssimas raízes de azinheiras, o que provocou por certo grandes deslocações de pedras. Por outro lado essas maiores deslocações fizeram-se sentir mais nas áreas onde a rocha de base se encontrava a menor profundidade, i.é., nas zonas onde a construção tinha menor altura—quadrados L-J/12-14. Foi na restante área—L-J/9-11—que conseguimos perceber melhor os aspectos construtivos deste talude de pedra seca. Com efeito, o registo sucessivo dessa estrutura mostrou que se tratava de uma construção de contorno semi-circular e que unia dois altos penedos ou afloramentos. Sobre a zona média de um destes, em H-J 14/18, conservou-se um alto e comprido troço de muralha que conduz, sem interrupções, à única entrada conhecida da muralha interna. Essa muralha continua pela área intervencionada, mas aqui com uma altura muito menor, pois estará por certo derrubada (figs. 1 e 2).

Entre o arco exterior de pedra e a muralha, os 4 ou 5 *alinhamentos maiores* de lajes de tamanho médio ou grande *constituem afinal as linhas mestras de escoramento dessa estrutura em rampa, cuja altura original desconhecemos*. Entre estes alinhamentos definiam-se, por vezes a profundidades diferentes, outros mais pequenos cuja funcionalidade pontual também os pareceu ser o reforço da construção em pedra seca.

O alinhamento mais próximo da muralha aproximava-se dum construção vertical em muro e tinha seguramente uma função de escoramento. Por seu lado, a muralha propriamente dita não apresentava, na sua base e na parte central, uma parede contínua, mas antes duas. A retracção da parede da muralha na sua parte média, assim como o reforço dessa área pela construção dum muro exterior, mais baixo, obedecia, cremos, a objectivos funcionais de sustentação numa zona particularmente declivosa.

Por último a muralha encontra-se na continuidade daquela particularmente bem conservada, em H-J 14/18, como dissémos (ver. fig. 1) e, tal como aquela, exhibe uma técnica construtiva peculiar que consiste na colocação horizontal e alinhada de pedras ou lajes de xisto quartzítico — ou seja, na criação de várias fiadas— de ambas as faces para o interior. Por sinal na zona escavada não foi detectada a face interna pois esta confunde-se com as pedras do Alinhamento 0/Aterro.

O *Alinhamento 0* ainda não foi totalmente compreendido, em parte porque se encontra escavado de modo parcial. Colocamos a hipótese de na área sul as pedras do seu topo e que cobrem predominantemente o Aterro terem servido simultaneamente para escorar a terras numa zona de grande pendor, assim com para inserir os postes duma paliçada. As próximas campanhas incidirão na resolução deste problema.

3.3. "UNIDADE EXTERNA" — ESTRUTURAS E ESTRATIGRAFIA (FIG. 5)

Foi escavada, nesta plataforma inferior, e abrangendo somente a zona intra-muros, uma área de 84 m². Devido ao facto de basicamente só termos escavado, e de modo incompleto, uma camada arqueológica, as conclusões são mais restritas que na Unidade Interna.

Mesmo assim podemos adiantar que se trata dum local extensamente ocupado por uma comunidade cuja cultura material— essencialmente nas cerâmicas e no metal— difere substancialmente daquela de Crasto II. Trata-se da camada 1, onde surgem estruturas habitacionais de carácter fruste—cabanas formadas por buracos de poste. Como uma destas, de planta aproximadamente circular, foi alvo dum violento incêndio—camada 1b (fig.5)—, procedeu-se, num segundo momento, à reconstrução desta e de outras similares—camada 1a. A separação entre as cabanas da camada 1a e 1b é visível quer pelos níveis de incêndio— onde se recolheram quantidades inusitadas de cereais, fava e outros frutos/sementes carbonizados—, quer pela existência de lenticulas de argila (tombadas das paredes acidentalmente?), quer mesmo pela presença de pisos compactos de argila.

Estas estruturas definem-se parcialmente *sobre os derrubes da face interna da muralha*, no troço onde esta devia formar ângulo, o que mostra que *nesta fase de ocupação as muralhas haviam perdido a sua função original*.

Ainda nesta camada 1 define-se uma estrutura circular de cerca de 3 m de diâmetro exterior, que parece situar-se frente a uma possível entrada da muralha.

Foi conseguida pela colocação ordenada de lajes dispostas na horizontal e desenhando uma figura circular por sobre um piso de argila avermelhada. Encontrava-se assim simultaneamente coberta e consolidada por argila em toda a sua extensão, mas desconhecemos a sua função original. A escavação do interior mostrou somente um nível de argila. Sob este nível define-se já outra camada arqueológica, detectada também noutros locais. Trata-se da camada 2 cujo espólio cerâmico é similar ao do Crasto II.

Consideramos assim que esta plataforma exterior ou inferior foi ocupada, na sua fase terminal, por populações cuja cultura material aponta a I. do Bronze (inicial-médio?). Denominamos esta fase de Crasto III.

A ocupação calcolítica anterior ao Crasto III está também presente mas até à data foi escassamente escavada, pelo que se torna arriscado sugerir o tipo preciso de cultura material e de estruturas presentes.

4. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Passamos a expôr de modo sintético, algumas ideias decorrentes do trabalho arqueológico já realizado.

4.1. O Crasto é um povoado arquitectonicamente original porque provido de duas linhas de muralhas concêntricas, precedidas de extensos taludes construídos em pedra solta. Estas grandiosas construções pétreas articulam-se com os imponentes rochedos e falésias naturais dando ao povoado uma dimensão de grande impacto paisagístico. O levantamento topográfico e a observação do terreno faz supor a existência de uma terceira construção no topo, ou seja, numa zona alteada da plataforma superior. Pode tratar-se eventualmente de uma terceira linha de muralhas ou de um recinto murado (fig. 1).

A muralha superior tem o seu início na falésia sul, do lado leste. A oeste os rochedos íngremes dispensam qualquer construção deste tipo. Deste lado a linha de muralhas vai surgir unicamente na base daquelas falésias ou rochedos. Trata-se aqui já da muralha exterior ou inferior.

A muralha superior conservou-se bem sobre os penedos contíguos à área escavada. Apresenta duas faces e um aparelho constituído por lajes de grande dimensão, dispostas em fiadas paralelas. Parece ter havido um cuidado particular em colocar as suas faces regulares, predominantemente rectangulares, para o exterior, o que cria uma "aparelho" bastante regular. Entre as lajes maiores intercalam-se outras mais pequenas. Na parte norte desta plataforma, um enorme afloramento inclinado para o exterior teria dispensado o talude. Contudo, no topo deste conservam-

pensado o talude. Contudo, no topo deste conservam-se ainda restos da primitiva muralha.

Nesta muralha superior define-se do lado leste uma entrada— *Entrada 1*—que parece estar bem conservada. Trata-se de uma entrada peculiar pois não corta perpendicularmente a muralha (fig. 1); ela é criada antes pela descontinuidade da muralha interior, o que a transforma numa *falsa entrada lateral, virada a sul*. Com efeito, frente à entrada propriamente dita, *tanto os penedos como um fecho artificial de pedras fazem flectir o percurso novamente para leste*, onde um muro (ou muralha) conserva uma abertura, fechada actualmente por duas grandes lajes levemente tombadas para o interior.

A muralha exterior encontra-se totalmente destruída nalgumas áreas o que dificulta uma proposta de traçado. Por ora pensamos ter detectado unicamente uma possível estreita entrada na área escavada, também do lado leste, mas resta-nos desenvolver a escavação nessa área para podermos ser mais precisos.

A oeste parece definir-se uma terceira entrada— entrada natural—, ou seja, um corredor natural, por entre os altos penedos. Também neste caso a existência de um aglomerado de pedras na parte média desse "corredor" fez-nos supor tratar-se duma entrada construída.

Na base do talude da Unidade Interna, e ainda do lado leste, as máquinas de exploração de pedra derrubaram uma construção cujos vestígios podem corresponder a uma torre.

Por ora atribuímos provisoriamente todas estas construções à 2ª fase de ocupação do local, ou seja, à ocupação intermédia ou Crasto II.

Este povoado exhibe-se para sul e em menor grau para poente, *como um "espaço ou local selvagem"*; pelo contrário, para nascente e norte, para a zona voltada à bacia de Mirandela, apresenta-se como um "local doméstico" arquitectonicamente imponente (fig. 4).

4.2. Entre as recolhas mais significativas de artefactos e ecofactos, merecem destaque em primeiro lugar as grandes quantidades de cereais e leguminosas recolhidos em todos os níveis, assim como a diversidade de macrorrestos no Crasto III. Na área doméstica da Unidade Interna (Crasto II) também se recolheram restos de ossos muito partidos cuja identificação ainda não foi feita.

De qualquer modo podemos afirmar estar presente uma agricultura desenvolvida e diversificada desde o Crasto I ao Crasto III. Uma observação preliminar das amostras ainda em curso de identificação (por Maria Gisela da Costa Oliveira) parece mostrar aqui uma diversidade ainda maior (no caso de Crasto II e III) do

que no vizinho armazém calcolítico do abrigo do Buraco da Pala (Serra de Passos). No Crasto I (cam.2) identificaram-se 3 espécies cultivadas de cereais — *Triticum*, *Hordeum* e *Avena*; no Crasto II 6 espécies, incluindo cereais e leguminosas — *Triticum*, *Hordeum*, *Avena*, *Panicum miliaceum*, *Vicia faba* e *Pisum sativum*— e ainda uma espécie colectada — *Brassica*. No Crasto III ainda não foi feita qualquer identificação, embora o volume de macrorrestos recolhido seja incomparavelmente maior que no Crasto II.

Estaremos assim perante uma (ou mais) comunidade (s) onde o desenvolvimento/diversificação da economia de base agrícola (e eventualmente pastoreio), assim como a gestão deste e doutros recursos, deve estar directamente relacionada com a monumentalização deste monte. A continuidade de ocupação do Crasto —Crasto III—, por grupos cuja “cultura material” sofre mudanças substanciais (essencialmente na concepção formal e decorativa da cerâmica comum) pode indicar alterações sociais e/ou de gestão territorial que não estamos ainda em condições de especificar. Contudo, a permanência de comunidades neste território (por um período que pode aproximar-se do milénio, ver abaixo), e a utilização do mesmo espaço para habitação, sugere uma sólida implantação territorial, cujos investimentos económicos e sociais terão por certo determinado alterações conceptuais e políticas quer nas comunidades locais, quer no contexto regional. Por este motivo, haverá que conduzir a investigação futura não só no sentido dum mais específico entendimento deste povoado nas suas diversas “fases”, como ainda procurar (por meio de prospecções sistemáticas) e estudar (através de escavações) os habitats do IIº milénio AC que cremos terem existido nesta região.

Os artefactos também se encontram ainda em estudo, pelo que só daremos aqui algumas indicações genéricas acerca daqueles que nos permitem uma aproximação cronológica e cultural às diferentes fases do povoado.

Nas camadas 2 e 3 da Unidade Interna—Crasto I— apesar das fracas quantidades de espólio, domina a amostragem cerâmica. Esta caracteriza-se por recipientes predominantemente globulares, ou semi-esféricos de fabrico manual. As decorações utilizam as técnicas incisas, puncionadas e impressas, com as quais definem predominantemente uma faixa simples sob o bordo, e, mais raramente, triângulos incisivos simples. Como se sabe, estas decorações apresentam grandes percursos temporais, tendo sido registadas regionalmente desde o Neolítico ao Calcolítico.

São as decorações cerâmicas do Crasto II —camada 1 da Unidade Interna—que, ainda ao nível regional, nos podem contextualizar cronológica e culturalmen-

nos podem contextualizar cronológica e culturalmente esta fase do povoado.

Com efeito, dominam aí as cerâmicas decoradas com a técnica de impressão “penteada” (embora estejam presentes outras somente incisas ou com decoração plástica/mamilos), segundo organizações decorativas variadas (simples e complexas), e as quais nos permitem uma aproximação ao nível I do abrigo do Buraco da Pala, na Serra de Passos. Neste abrigo as 4 datas absolutas de sementes e carvão situam o nível I (com cerâmica “penteada”) entre $\pm 120 \pm 50$ BP e 3955 ± 25 BP, ou seja, entre 2800 e 2500 AC (em datas calibradas e para 50% de probabilidade). Outras estações de Trás-os-Montes e Alto Douro também poderiam ser citadas. Contudo, como se situam aproximadamente na mesma “faixa cronológica”, cremos ser redundante uma apresentação desenvolvida num texto que não pode deixar de ser uma notícia preliminar de documentação cujo estudo ainda recentemente se iniciou.

Ainda o aparecimento de cerâmica campaniforme — vários recipientes incluindo sobretudo “caçoilas” e o clássico vaso campaniforme—, decorada segundo o estilo marítimo — clássico, v. linear e geométrico— não nos fará só por si propor uma cronologia mais recente uma vez que, precisamente no nível citado do abrigo do B. da Pala, foram exumados vários recipientes que “imitam” as formas e decorações campaniformes, neste caso tanto do tipo marítimo, como de tipo Ciempozuelos (SANCHES 1995). Brevemente teremos datações absolutas feitas sobre sementes, o que esperamos nos ajude a precisar esta cronologia.

Destaca-se ainda nesta ocupação (Crasto II) o aparecimento de elementos de adorno em matéria-prima de cor verde e um fragmento dum machado que sugere ser de cobre. Moinhos de granito e machados/enxós também foram recolhidos, mas adentro do espólio lítico o que mais abunda são percutores de quartzito com evidentes marcas de uso no talhe da pedra.

Cabe referir o aparecimento sobre a muralha/talude de algumas pedras talhadas, de médio e grande tamanho, em quartzito, que julgamos pertencerem a *uma conduta de água* cujo traçado foi impossível estabelecer.

Na plataforma inferior e pertencentes a Crasto III, há a destacar também a cerâmica de fabrico manual e que aqui é quase exclusivamente lisa e de pastas genericamente mais grosseiras que no Crasto II. Excepcionalmente surgem cerâmicas mais finas, micáceas, algumas das quais decoradas com uma espécie de “escobilhado” ou “cepillado”. Nas formas chama a atenção a grande quantidade de recipientes

com colo desenvolvido, alguns com o bordo soerguido e extrovertido (recipientes de “bordo em aba soerguida”) e cujos tamanhos vão do vasinho minúsculo—com excelente tratamento de superfícies—, ao grande recipiente, mais grosseiro, que nos parece ser de armazenamento.

Este tipo de cerâmica não tem aparecido nos contextos calcolíticos desta região, embora em estações do Minho litoral surja em períodos mais recentes, desde aproximadamente os meados do IIº milénio (inf. pessoal de Ana Bettencourt). Por outro lado, ao nível regional e para épocas mais recentes— 1ª met. do IIº mil. AC— só se conhece a ocupação da I. do Bronze do Castelo Velho, em Foz Côa (JORGE 1993, 1995), com o qual algumas formas cerâmicas podem ter semelhanças.

É assim possível que o Crasto III date realmente já do IIº milénio AC (dos meados do IIº milénio AC ?), o que em breve poderá ser precisado com datas absolutas: nesse caso deveremos ainda fazer incidir a escavação em áreas que nos permitam perceber se existe, ou não, continuidade de ocupação entre a 2ª e a 3ª fase.

Por último devemos referir que foi analisado, pelo método de XRF e por Ignacio Montero, um artefacto metálico e um fragmento laminar doutro. O artefacto— um punção fragmentado— foi encontrado na prospecção de 1992 na área oeste do povoado. O fragmento foi recolhido na camada 1a da Unidade Externa e relaciona-se directamente com a fase terminal de ocupação do Crasto III. Trata-se em ambos os casos de bronzes binários. O punção apresenta 83,25% de cobre (Cu) e 14,94% de estanho (Sn), além de outros elementos; por seu lado o fragmento laminar apresenta 87,75% de cobre (Cu) e 12 % de estanho (Sn), além de outros elementos.

Dado que a generalização do bronze no Noroeste Peninsular é recente (BETTENCOURT 1995), então o Crasto de Palheiros pode ter-se prolongado para além dos meados do IIº mil.AC.

AGRADECIMIENTOS

A autora agradece à Fundação Calouste Gulbenkian a concessão dum “subsídio de viagem para participação em reuniões científicas internacionais”, a qual lhe permitiu apresentar esta comunicação no IIº Congresso de Arqueologia Peninsular (Zamora, Setembro de 1996).

Os trabalhos de campo no Crasto foram realizados sob a responsabilidade da signatária e de Sandra Carla Pais Barbosa, e contaram com o apoio do IPPAR, da Câmara Municipal de Murça, da JNICT e da Associação Cultural “O Eucalipto”, de Palheiros, (estas duas últimas somente em 1995), entidades às quais se agradece também.

Agradece-se ainda a toda a equipa de escavações— constituída por alunos da Faculdade de Letras do Porto, da Universidade Complutense e da Universidade de Alcalá de Henares—assim como à Dra. Beatriz Comendador Rey todo o apoio prestado. A esta última devemos uma palavra em particular pela qualidade do desenho das estruturas arqueológicas escavadas em 1995. Devemos ainda uma palavra de atenção para com o topógrafo do Gabinete de Apoio Técnico do Vale do Douro Norte, Sr. Jorge Machado, pelo empenho que colocou na realização dum tipo de levantamento arqueológico do qual não tinha tido qualquer experiência anterior. Por último agradece-se a Ignacio Montero do CSIC as análises de XRF indicadas no texto.

BIBLIOGRAFIA

- BETTENCOURT, A.M. (1995): *Dos inícios aos finais da Idade do Bronze no Norte de Portugal, Idade do Bronze em Portugal—Discursos de Poder*, SEC/IPM/MNA, Lisboa.
- DELIBES de CASTRO; HERRÁN MARTÍNEZ, J.I.; SANTIAGO PARDO, J. de e VAL RECIO, J. del (1995): Evidence for social complexity in the Copper Age of the Northern Meseta, *Internacional Monographs in Prehistory*, Archaeological Series, 8, Katina T. Lillios ed.
- JORGE, S.O. (1986): *Povoados da Pré-história Recente da região de Chaves—Vila Pouca de Aguiar (Trás-os-Montes Ocidental)*, Instituto de Arqueologia da FLUP, Porto;
- Idem (1993): O Povoado de Castelo Velho (Freixo de Numão, Vila Nova de Foz Côa) no contexto da Pré-história recente do Norte de Portugal, *Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular*, I, TAE, 33, 1-2, SPAE;
 - Idem (1995): *O povoado de Castelo Velho no contexto da Pré-história recente do Norte de Portugal, Idade do Bronze em Portugal—Discursos de Poder*, SEC/IPM/MNA, Lisboa.
- Idem e Santos, P.M. (1993): O povoado de S. Lourenço (Chaves): 2ª campanha de escavações, Poster apresentado no 1º Congresso de Arqueologia Peninsular, na Faculdade de Letras da Univ. do Porto, em Outubro de 1993.
- MARTINS, M. (1988): *A Citânia de S. Julião, Vila Verde*, Cadernos de Arqueologia, Monografias.2. C. M. de Vila Verde e U.A.U. Minho, eds.
- SÉGUIER, J. de (dir. de.) (1971): *Diccionario Prático Ilustrado* —edição actualizada e aumentada por José Lello e Edgar Lello, Lello & Irmão editores.
- SANCHES, M.J. (1992): *Pré-história Recente no Planalto Mirandês*, Mon. Arq., 3, GEAP, Porto.
- Idem (1995): *O Abrigo do Buraco da Pala (Mirandela) no Contexto da Pré-história Recente de Trás-os-Montes e Alto Douro*, 2 volumes, Dissert. de Doutoramento apresentada à Fac. de Letras da Universidade do Porto (poli-copiada).
 - Idem (1996): *Ocupação Pré-histórica do Nordeste de Portugal*, série Monografias y Estudios, Fundación Rei Afonso Henriques.